

## **Tique-taque, tremor das pequenas coisas<sup>1</sup>**

Teresa Poester\*

*Segurar um passarinho  
na concha meio fechada da mão é terrível,  
é como se tivéssemos os instantes trêmulos  
na mão. (Clarice Lispector)*

Leandro Selister nos mostra o movimento das coisas de dentro da casa. Determina cortes precisos. Fixa instantes para apertar o botão e congelar cada cena. Quebra a seqüência natural do tempo. O que acontece entre um minuto e outro, um segundo e outro, é o mistério da vida encerrado talvez nas frações imperceptíveis de uma outra dimensão de tempo que não percebemos. Não se trata aqui da representação real em 24 quadros por segundo. O fotógrafo cria a seqüência de instantes conforme um ritmo particular, seu modo de perceber a natureza em constante transformação. De dentro da casa, Leandro Selister torna-se uma espécie de guardião do tempo, vigia cada movimento do mundo como um voyeur atento e cuidadoso.

Em frente a sua janela, um sabiá insiste em construir seu ninho sobre um pedaço de calha de alumínio. Para não ser percebido, durante quase três meses o fotógrafo registra as peripécias do passarinho através de uma pequena abertura improvisada entre papéis colados sobre as vidraças. Mas a calha, dura e lisa, não prende direito os galhos e o ninho incipiente cai e se desfaz muitas vezes. Movido pela força da vida e da esperança, o bichinho, como num trabalho de Sísifo, reconstrói árdua e inútilmente sua morada até que os vizinhos colocam um arame para que os galhos fiquem presos à calha. O pássaro pode finalmente chocar seus ovos com segurança. A chegada dos filhotes é esperada com entusiasmo. Aos poucos, três bicos quase imperceptíveis surgem do ninho para receber o alimento e descobrir a luz. Ao cabo de alguns dias, apenas um dos recém-nascidos sobrevive.

Como medir no tique-taque do relógio a pulsação do corpo, matéria elástica, fragilidade do instante que nos liga à vida?(...)

---

<sup>1</sup> Exposição individual realizada na Galeria Iberê Camargo, na Usina do Gasômetro, Porto Alegre/RS em 2004.

No trabalho com os pássaros, a série de fotogramas é disposta de forma linear para contar a sequência da história. Assim, o tempo é reversível, pode ir e vir para trás conforme o deslocamento do olhar e do corpo. Na rede ortogonal que utiliza para dispor os outros trabalhos, a visão em sequência passa a ser menos importante e menos perceptível.

Nesta série de imagens do cotidiano, os ponteiros da máquina fotográfica marcam o compasso alternado de vida e morte, os passos vagarosos das nuvens que surgem e desaparecem, da begônia que floresce e murcha para tornar a nascer. Será o tempo da flor ou da tartaruga o mesmo tempo da montanha? Cada coisa tem seu ritmo próprio, exige um jeito para ser observada. O tempo interno precisa de liberdade para compreender esses diferentes ritmos. A matéria dessa exposição é o movimento das pequenas coisas que nossa velocidade interna tantas vezes nos impede de perceber.

\* Teresa Poester é artista plástica e tem Pós doutorado na Universidade Jules Verne, UPJV, Amiens, França. Foi professora do Instituto de Artes da UFRGS.